Para a aula do dia 10/10, cada aluno recebeu três textos e um capítulo do livro “O ensino universitário: seus cenários e seus protagonistas” (Zabalza) para ler e ajudar nas reflexões da próxima aula. Durante a aula, fizemos a socialização do fichamento das leituras realizadas e formulamos conjuntamente respostas para a pergunta: “Quais passos iniciais podem ser dados para construir uma universidade dos sonhos? ”. Segue aqui meu fichamento e reflexões sobre cada leitura:

**1-) Livro “O ensino universitário: seus cenários e seus protagonistas” (Miguel A. Zabalza)**

 **Capítulo 1 - A universidade: cenário específico e especializado de formação**

Ocorreram mudanças muito profundas na estrutura do ensino na universidade, em sua posição e no sentido social, o que não são novidades, considerando que apesar da imagem sólida, as universidades estiveram modificando sua orientação e projeção social durante todos os séculos de sua existência. Porém, essa adaptação se acelerou tanto recentemente, que é impossível se ajustar a ela sem uma transformação das estruturas internas das universidades. Assim, vem ocorrendo uma “revolução” da educação superior, na qual as universidades são chamadas a não se contentar em apenas transmitir ciência, mas também a criá-la; a dar um sentido prático e profissionalizante à formação que oferecem aos estudantes, e a fazer tudo isso em contato com a sociedade, os meios econômicos e profissionais, com cuja melhora ela deve colaborar. Mas essas expectativas convivem com a visão de universidade que “dá títulos”, atribuindo “credenciamento profissional” e mantendo o poder e o prestígio social.

O livro, segundo Zabalza, busca ressaltar o novo sentido atribuído às universidades, focando nas suas características e problemáticas em relação à três aspectos: **transformação do próprio cenário universitário** frente às mudanças políticas, sociais e econômicas, **sentido formativo da universidade** e **estrutura organizacional e** **dinâmica de funcionamento**.

1. **Transformação da universidade**

A universidade evoluiu muito dos anos 70 até o momento atual, para o bem e para o mal: antes não havia uma pressão social pelo emprego, não havia tanta competição, cursos permitiam uma visão mais ampla, e o número de alunos era menor. Porém, havia um certo policiamento que impedia a participação do setor estudantil.

Dentre as modificações atuais estão: massificação e heterogeneidade dos estudantes, redução do investimento e novas orientações na formação. As modificações são abrangentes, mas o que acontece em cada instituição é dependente de seu contexto político, social e econômico. Existe uma pressão nas universidades pela globalização e internacionalização, incluindo em universidades reconhecidas internacionalmente. A universidade transformou-se em mais um local de desenvolvimento social e econômico dos países, com as mesmas leis políticas e econômicas que os demais recursos, e a missão de preparar força de trabalho para a sociedade. Mas essa incorporação trouxe consequências:

* **Massificação:** abertura para todas as camadas sociais, chegada de grupos de estudantes heterogêneos quanto à capacidade intelectual; preparação acadêmica, motivação, expectativas e recursos financeiros. Aumentou o número de mulheres, entraram pessoas de outras idades e entraram indivíduos que já estão no mercado de trabalho. Mas alguns cursos continuam elitistas e com status de privilegiados: medicina e engenharia, por exemplo.
* **Controle social da universidade (qualidade e padrões):** busca de novas fontes de financiamento através de contratos de pesquisa e assessoria a empresas e aumento do número de alunos matriculados para receber mais dinheiro do Estado.
* **Novo conceito de formação continuada:** a universidade desempenha um papel importante no processo de formação, mas não o encerra, sendo necessária uma formação permanente. Assim, são consequências disso: estender a formação continuada por toda a vida após a conclusão da graduação; estágio prático ou práticas em empresas; ampliação da influência da universidade no exercício profissional – como por exemplo, no setor primário, no setor de serviços e na criação de empresas; reconhecimento acadêmico de modalidades de formação não acadêmica – já não é o diploma o reconhecimento do conhecimento e das competências; levar em consideração a criação de novas formas de ensino a distância ou semipresencial e ampliação do número de cursos de especialização, de doutorado e de reciclagem para profissionais.

Assim, as universidades podem recobrar seu protagonismo, mas precisam reconfigurar suas ofertas.

* **Impacto nas exigências aos professores:** os professores devem sair da acomodação para acompanhar as mudanças da universidade. As mudanças tiveram como repercussões para os professores: ampliação das suas funções para outras mais, como assessoramento a apoio aos estudantes, coordenação da docência, supervisão de aprendizagem em vários ambientes, preparação para os materiais didáticos para o ensino à distância; maior esforço no planejamento, no projeto e na elaboração das propostas docentes; aumento da burocratização didática – a atividade docente não se encerra na sala de aula, ela começa antes e termina depois. Com isso, a atividade docente deixa de ser um território privado.

**2-) Sentido formativo da universidade**

O informe universidade 2000 (Bricall, p. 76-77) sintetiza as funções da universidade em três partes: 1-) função socializadora: preservação e transmissão crítica do conhecimento, da cultura e dos valores sociais; 2-) função orientadora e 3-) função pesquisadora. Mas que formação é função da universidade? A integração das universidades nas dinâmicas sociais, o acesso de diferentes grupos sociais à educação superior, o prolongamento dos períodos formativos, etc. Tudo isso traz uma revisão do sentido tradicional de formação. É necessário, porém pensar bem a formação para que ela não se torne vazia.

* **Sentido da formação:** a formação pode ser definida como um processo de preparação (genérica ou especializada) com o sentido de capacitar os indivíduos para a realização de determinadas atividades. A importância da formação está relacionada com sua vinculação com o crescimento e o aperfeiçoamento das pessoas, que pode ser entendido em um sentido mais global: crescer como pessoas. A separação entre a educação (desenvolvimento pessoal, aquisição de novas capacidades, incorporação da cultura, etc), e a formação (algo mais pontual e funcional, centrado no mercado de trabalho) desagrada o autor, pois pode ter propósitos ocultos de diminuir a capacidade crítica dos indivíduos.
* **Conteúdos da formação:** A ideia de formação pode ser interpretada de forma equivocada, como *formar = modelar*: modelar os indivíduos ao tipo de produto que se toma como modelo e *formar = conformar*: fazer com que os indivíduos se conformem com as atividades para as quais foram formados. Para evitar isso, a formação (numa visão ampla e completa) deve integrar conteúdos formativos, como: novas possibilidades de desenvolvimento pessoal; novos conhecimentos; novas habilidades, atitudes e valores e enriquecimento das experiências. A ação universitária deve, portanto, dar aos estudantes uma oferta formativa que considere a dinâmica geral do desenvolvimento pessoal, o aprimoramento dos conhecimentos e das capacidades dos indivíduos e referência ao mercado de trabalho.
* **Dilemas que a formação apresenta:**

**Primeiro - Dilema sobre o ponto de referência: o indivíduo ou o mundo que o cerca**

A formação pode estar orientada para a pessoa, e para sua realização, ou para o mundo exterior, para a atividade profissional a ser desempenhada. A formação para a capacidade produtiva é justa e pertinente, mas não deveria sacrificar as demandas do próprio indivíduo, e é necessário equilibrar esses extremos.

**Segundo: Dilema entre a especialização e formação geral de base**

Esse é o dilema que vai da máxima generalidade dos conhecimentos, até a máxima especialização, e a dificuldade de resolvê-lo é traduzida por Menze (1981, p.267-297):

“um tempo demasiado longo dispensado à formação generalista põe o estudante demasiado tarde em contato com as questões que têm grande importância para sua visa profissional. Porém, o inverso também ocorre: uma introdução muito apressada ao mundo do trabalho faz com que se perca a visão de conjunto e impede um exercício profissional criador, rico em inspirações, porque isso imobiliza o estudante devido aos objetivos determinados com exatidão, os quais não deixam margem a sua própria força e iniciativa”

**Terceiro: Dilema entre o local e o universal**

A internacionalização traz amplas mudanças no currículo formativo, que incluem: estudos de exemplos de exemplos internacionais, oferecer a possibilidade dos estudantes atuarem profissionalmente em qualquer país, estabelecer redes internacionais de trabalho, fazer intercâmbio entre professores e alunos, montar um programa para estudantes estrangeiros, realizar períodos de formação fora do próprio país e realizar programas de ensino profissional a distância. É preciso, porém, articular essas propostas com os compromissos de contexto local, para fomentar o desenvolvimento social, cultural, científico e tecnológico do país e região ao qual pertencem.

**3-) A formação contínua**

A formação contínua é um processo necessário e irreversível, e hoje sua procura está vinculada principalmente a fatores emergentes, como as necessidades do mercado de trabalho. Mas a universidade tem dificuldades em se adaptar a esses fatores, dentre os quais os principais são:

* O pensamento pós-moderno e sua ênfase no valor do indivíduo, das diferen~ças, do provisório
* Enorme explosão de informações e conhecimentos disponíveis
* Novas fórmulas organizacionais das empresas e do mercado de trabalho em geral
* Novos recursos técnicos disponíveis
* Novas sensibilidades e novos compromissos com os valores

A sociedade deixou de ser uma espectadora estável para ser uma sociedade de mudanças e transformações constantes, a *sociedade da aprendizagem.*

**4-) Posição da Universidade na “Sociedade do conhecimento”**

A universidade do século XXI deve atuar a partir de perspectivas muito diferentes e mais abertas às novas dinâmicas de globalização e da formação contínua, com o **estabelecimento de uma nova cultura universitária**, que deve assumir as novas circunstâncias nossa vida social e as condições sobre as quais as pessoas desenvolvem sua vida e seu trabalho. Essa nova cultura pode ser destacada nos pontos:

* Assumir uma nova visão do aluno e do processo de aprendizagem em seu conjunto: essa visão toma o aluno como protagonista da sua formação e não como coadjuvante.
* Estabelecer objetivos a médio e a longo prazo: a possibilidade de progredir com sua formação.
* Manter uma orientação baseada no desenvolvimento pessoal, e não na seleção: que a universidade não perca deu caráter de filtro, mas que deixe de ser um obstáculo, com metas inatingíveis aos alunos.
* Avaliar preferencialmente as capacidades de alto nível: avaliar a capacidade de resolver problemas, a criatividade, a capacidade de planejamento e avaliação do processo.
* Atualizar e dinamizar os conteúdos do currículo formativo: atualizando os conteúdos, flexibilizando o currículo e diferenciando conteúdos básicos de conteúdos opcionais (Beernaert, 1995, p.17-25).
* Dinamizar o âmbito das metodologias empregadas: reforço de modelos interdisciplinares, uno de sistemas criativos de ensino, incorporação de novas tecnologias e métodos de aprendizagem que conduzam ao trabalho ativo e autônomo.
* Propiciar cenários contínuos de formação: uma conexão entre teoria e prática para o progresso da aprendizagem.
* Incorporação ao currículo de atividades formativas extracurriculares: propostas de atividades, experiências para seu envolvimento pessoal e atividades de natureza social.

BEERNAERT, Y. (1995): “Life-long learning as contribution to quality in Europe: a comparative study for european countries”, in Longworth, N. & Beernaert, Y. (Ed.): Lifelong Learning in Shools. Edited by ELLI with the support of the Europe-na Commission, DGXXII. P. 17-25.

BRICALL, J.M. (2000) Universidad 2000. Conferencia de Rectores de las Universidades Españolas (CRUE). Madri.

**2-) Formação pedagógica do docente do ensino superior e paradigmas curriculares (Marcos T. Masetto)**

O texto reflete sobre a formação pedagógica dos docentes de ensino superior para atuar sobre os paradigmas curriculares impostos às universidades e cursos de graduação. O texto se dedica a explorar três tópicos:

**1-) Teorias curriculares, currículo e paradigma curricular**

As primeiras teorias curriculares tinham foco na área do conhecimento, repartindo-o em disciplinas e áreas científicas, justapostas no currículo e priorizando a transmissão dos conteúdos. Os movimentos pedagógicos do final do século XIX e início do século XX apontaram para a necessidade de uma teoria curricular que se estruturasse sobre os interesses dos alunos e as experiências de aprendizagens nas escolas. Na década de 60, foi debatida a reformulação curricular com foco no desenvolvimento do indivíduo, com foco na versão comportamentalista de Skinner ou na humanista de Carl Rogers. No Brasil, predominaram nos discursos a pedagogia histórico-crítica e a pedagogia do oprimido. Após isso, o discurso dialético se fortaleceu, com a organização curricular exigindo a participação do professor. E muitos aspectos que foram discutidos continuam sendo: práxis, ação-reflexão e ação popular.

Apesar de muitos currículos alternativos terem sido testados, a teoria curricular tradicional, fragmentada em disciplinas e áreas científicas justapostas na grade curricular permanece firme. **Mas porque, apesar de tantas discussões, pesquisas e experiências não se muda nem se altera os currículos de formação?**

Além disso, outro ponto para reflexão é o conceito de currículo presente nas escolas. Os currículos são: a organização de atividades e disciplinas que permitirão aos alunos desenvolverem sua formação e educação. As duas visões apontadas por Michael Young e Rob Moore (2001, p.198), de “tradicionalismo neoconservador” (que assume o currículo como um corpo de conhecimento a ser transmitido pela escola e o “instrumentalismo técnico” (cuja missão do currículo é atender as necessidades da economia) não discutem o papel da educação nas pessoas. Cabe então, um terceiro conceito, o de **paradigma curricular**, que vai além de uma teoria curricular e uma grade horária, que passa por aspectos teóricos, o papel das instituições, o perfil dos alunos, o papel dos educadores nos aspectos metodológicos, a formação e a qualificação contínuas dos docentes.

**Que aspectos constituem um paradigma curricular?**

1. **Contextualização da sociedade contemporânea:** os novos cenários históricos, políticos, culturais, científicos, tecnológicos, os valores e problemas do mundo, o conhecimento de diversas fontes de pesquisa, a interdisciplinaridade e o contato entre pesquisadores.
2. **Definição do perfil do cidadão e do profissional:** explicitar de homem, mundo e interações, novas perspectivas de carreiras profissionais (antigas e novas), e os objetivos educacionais e perfis profissionais a serem desenvolvidos.
3. **Princípios epistemológicos:** nossas ideias sobre o conhecimento e como desenvolvê-lo. É necessária uma nova forma de conhecimento, em rede, eliminando fronteiras entre teoria e prática e mudando os referenciais.
4. **Gestão institucional:** um novo modelo que não envolva apenas questões econômicas e administrativas, mas também dimensões conceituais e organizacionais.
5. **Relação com a comunidade**
6. **Processo de ensino-aprendizagem:** no paradigma tradicional a opção é pelo ensino, mas seu deslocamento para a aprendizagem caracteriza situações onde professores e alunos são aprendizes. A aprendizagem deverá ser orientada pela resolução de situações-problema como uma estratégia didática.
7. **Organização curricular:** conhecimento em rede, interação das disciplinas e incentivo à aprendizagem em todos os ambientes.
8. **Metodologia:** novas metodologias que incentivem e exijam a participação dos aprendizes, o planejamento em conjunto, o uso de técnicas participativas, a exploração de recursos digitais e virtuais, visitas técnicas e diferentes ambientes profissionais.
9. **Processo de avaliação:** a avaliação deverá ser instrumento para incentivar o processo de aprendizagem, acompanhadas de ações que sinalizem falhas a serem satisfeitas.
10. **Professor e aluno:** o professor deve construir parcerias com seus alunos, e os alunos devem modificar suas condutas passivas para atitudes de participação, assumindo sua autonomia.

**II-) Qual a influência do paradigma curricular sobre a ação docente?**

Para alterar o paradigma curricular tradicional os docentes devem tomar consciência que ele é a causa da dificuldade em inovar a ação pedagógica. Mas superar esse paradigma só pode ser feito em conjunto, em uma ação de todo o corpo docente em colaboração com os diretores na elaboração do projeto político pedagógico do curso.

**III-) Em que essas questões afetam a formação do docente de ensino superior**

É importante buscar entender porque teorias curriculares formuladas por grandes pesquisadores e educadores não conseguiram se impor ao sistema educacional antigo, propiciando uma escola adequada às necessidades atuais, e porque movimentos como o de Paulo Freire não conseguiram se impor. É importante refletir conjuntamente sobre o currículo e o projeto político pedagógico e perceber a existência de um paradigma curricular: só assim ele poderá ser modificado.

**3-) A ideia de Universidade e as ideias das classes médias (Otto Maria Carpeaux)**

O autor inicia o texto mostrando seu sentimento de surpresa quando, pela primeira vez, entrou na universidade e viu bustos de professores e estátuas, como a estátua da deusa da sabedoria, e como esses símbolos o marcaram profundamente. Mas ele fala também de sua decepção com a biblioteca cheia de poeira, os auditórios barulhentos, o cinismo dos professores, os exames fraudulentos e os “acadêmicos imbecis gritando slogans políticos”. Ele descreve como as universidades estão doentes, por todas as partes, e como o fim das universidades seria também o fim das nações. A questão da universidade atual se resume na frase de Herbet George Wells: “Entramos numa corrida entre educação e catástrofe”.

**Mas quem é o culpado?** Não caberia à universidade formar crenças nas pessoas, mas dar capacidade ao estudante de escolher suas convicções. Porém, são abundantes os homens cegamente convictos, servindo o Estado, a Igreja, os partidos e as empresas.

**Mas qual a utilidade das ciências?** No nosso tempo, ela é determinada segundo as aplicações práticas: a física e a química (que fornecem luz elétrica e gases asfixiantes) são úteis, a história e a filosofia (que não fornecem nada), são inúteis. Mas, surpreendentemente, os regimes totalitários controlar logo as ciências “inúteis”. Porque? A universidade foi criada na Idade Média, tratando somente das velhas ciências, e são elas que formaram as nações. **Quem deseja transformar uma nação, deve transformar a história, a filosofia, e todas as demais velhas ciências.**

**O que resta dessas universidades *Litterarum*, fundadas na Idade Média?** Apenas o nome. Hoje elas formam médicos, advogados e professores. **Quem é o culpado?** Os estudantes.

Segundo o autor, existem estudantes “pobres”, que estudam para sobreviver. Apesar do esforço, muitos deles têm pressa de terminar os estudos e só se formam com a “benevolência” dos avaliadores, e que baixam o nível. E existem estudantes “ricos”, que são pobres tentando manter o status de suas famílias e os verdadeiramente ricos, que estudam porque gostam, e deles depende a ciência. As universidades já não fornecem elites, fornecem massas ornadas de títulos acadêmicos.

Existem, para o autor, a “inteligência” e os “intelectuais”. Os médicos, advogados, funcionários são intelectuais, mas nem todos têm a “inteligência”. O autor diz que o problema central da nossa época se chama “classes médias”. As classes médias seriam as massas, tanto obreiras quanto de intelectuais. Ele defende que o fascismo se propaga e vence através das classes médias. Para ele, a ideologia que explica o espírito das novas classes médias é a ideologia pequeno-burguesa, revolucionária e anti-intelectualista. Para a vitória final dos regimes fascistas deve-se acabar com a inteligência.

Para o autor, a classe média via a educação superior como o caminho de ascensão no século XIX, mas já não a vê mais. Privada da inteligência, a classe média é perigosa, cheia de ressentimentos, furiosa contra os livros que não sabe ler, e está pronta para a violência. A violência é uma ferramenta para salvar a classe média, e é fruto da falsa ideia que as classes médias formam da universidade. A moderna educação universitária ignora os livros, logo mais irá se desfazer das “línguas mortas, e por fim de todo ensino secundário. No regime escolar de todos os países, a universidade dedica-se ao ensino profissional superior, e a cultura geral está apenas no ensino secundário, nos jovens de dez a dezoito anos. Depois, nunca mais o jovem médico, advogado, engenheiro estuda história, filosofia e literatura. Assim, as massas graduadas se distinguem dos iletrados somente por sua autoridade profissional.

*O texto “A ideia de Universidade e as ideias das classes médias” me tocou por se posicionar firmemente e discutir suas opiniões sem medo. Mas não consigo concordar totalmente com sua visão: o autor se coloca em uma posição de superioridade intelectual que me causou incômodo na leitura. Concordo com sua posição de que para que os regimes fascistas tenham sucesso é necessário matar a inteligência, mas não consigo concordar com a ideia que a culpa é dos alunos. Bom, como podemos culpar os jovens pelas suas intenções na universidade? Não são os jovens muito jovens para serem os culpados de uma degradação que se arrasta por séculos? Afinal, o certo e o errado também dependem do ponto de vista do observador, então porque seria mais certo ensinar lições de latim do que conhecimentos de interesse da sociedade nas universidades? Como pode alguém “da última leva que se salva”, com pensamentos tão firmes quanto preconceituosos nos dizer o que define o fim da universidade? Não acredito no fim, mas em um novo recomeço: não pode nascer uma nova universidade, com maior participação popular, e na qual novas formas de conhecimento que não apenas os grandes pensadores sejam valorizados? Temos muito para pensar, e mais ainda para construir.*

**4-) Para uma formação de professores construída dentro da profissão (António Nóvoa)**

Segundo o autor, são necessárias mudanças na educação, mas o excesso de discursos, redundantes e repetitivos, se traduz na pobreza de práticas. O artigo se constrói com um argumento: a necessidade de uma formação de professores construída dentro da profissão, para isso, foram discutidos cinco pontos importantes: **práticas**, **profissão**, **pessoa**, **partilha** e **público**. Além disso, ele discute e pergunta fundamental:

**O que é um bom professor?**

É possível esboçar alguns apontamentos simples e sugerir disposições que caracterizam o trabalho docente nas sociedades contemporâneas:

* O conhecimento: é necessário que os professores conheçam aquilo que irão ensinar.
* A cultura profissional: o diálogo entre os professores é importante, assim como o registro das práticas, a reflexão sobre o trabalho e o exercício de avaliação.
* O tacto pedagógico: saber conduzir alguém para o conhecimento não está ao alcance de todos, assim, no ensino as dimensões pessoais e profissionais se cruzam.
* O trabalho em equipe: exercício profissional em comunidades de prática no interior de cada escola.
* O compromisso social: a realidade da escola obriga o professor a ir além da escola, educar é muitas vezes conseguir que a criança não seja determinada pelas condições nas quais nasceu.

O autor parte do pressuposto de que o mestrado é o grau acadêmico mínimo para entrada na profissão docente, e de que os candidatos à docência deverão percorrer três momentos: **a licenciatura, o mestrado em ensino e um período probatório profissional.** As propostas incidem apenas no segundo e no terceiro momentos.

**1-) Práticas**

As práticas da profissão docente devem ser investigadas do pinto de vista teórico e metodológico, dando origem à construção de um conhecimento profissional docente. Assim como a formação dos médicos ocorre sobre o estudo de exemplos e casos reais, a profissão docente pode:

* Organizar-se em torno de situações concretas, como casos de insucesso escolar, problemas escolares ou programas de ação educativa;
* Compreender o conhecimento além da teoria e da prática, mas compreendendo todo seu processo histórico;
* Ser uma transformação deliberativa, que obriga uma deliberação, ou seja, uma resposta a dilemas pessoais, culturais e sociais;
* Dar atenção às mudanças nas rotinas de trabalho, pessoais, coletivas ou organizacionais.

**2-) Profissão**

Pode ser resumida como “devolver a formação de professores aos professores”. Vários grupos de especialistas pedagógicos e cientistas da educação assumiram o papel de formação dos professores, definição dos seus currículos e avaliação do seu desempenho. Apesar de sua importância, é necessário que os processos de formação sejam construídos dentro da profissão.

**3-) Pessoa**

É impossível separar as dimensões pessoais e profissionais da atividade docente. É importante, portanto, que os professores se preparem com auto-reflexão e auto-análise. O registro escrito das vivências pessoais e das práticas profissionais de cada professor são importantes para que eles adquiram consciência de seu trabalho e sua identidade.

**4-) Partilha**

Para isso, é necessário construir programas de formação coerentes, que estimulam a reflexão coletiva, em “comunidades de prática”, nas quais grupos de educadores discutem ideias sobre o ensino e a aprendizagem, e elaboram perspectivas comuns sobre os desafios da formação pessoal, profissional e cívica dos alunos.

**5-) Público**

Os professores e as escolas devem estar abertos ao exterior: explicar seu trabalho, deixar-se avaliar e prestar contas. Assim, o trabalho educativo pode ser comunicado para fora da escola.

----------------------------------------------------------------------------------------------------------

A pergunta **“Quais passos iniciais podem ser dados para construir uma universidade dos sonhos? ”** foi separada em três tópicos para que pudesse ser respondida mais claramente:

**1-) Sonhos/ utopias dos autores visitados**

**2-) Propostas de e para incidir em políticas públicas**

**3-) Propostas no campo da pedagogia**

Nosso grupo foi formado por: André, Caio, Muriel, Patrícia Andressa e eu. A Muriel fez um desenho representando os principais pontos levantados para cada pergunta, que entregamos para o professor, mas deixo aqui algumas reflexões:

1-) Sonhos/ utopias dos autores visitados

* Zabalza defende uma transformação na universidade, que deve dar maior ênfase, principalmente, à formação continuada dos alunos, revendo toda sua estrutura para isso (aumentando para isso sua internacionalização e revendo suas metodologias);
* Marcos T. Masseto sonha com a mudança do paradigma curricular, que deve incorporar seus contextos, seus currículos, as metodologias, os professos de avaliação e as relações professor-aluno;
* Otto Maria Carpeaux sonha com uma universidade na qual história, filosofia e literatura fazem parte de os estudos para todas as profissões, para que ela não se torne apenas um local de formação de massas diplomadas que não refletem suas condutas;
* António Nóvoa sonha com programas de formação de professores construídos por e para professores, nos quais o professor é considerado como pessoa e não apenas como profissional. Ele chama de “o bom professor” esse novo profissional.

2-) Propostas de e para incidir em políticas públicas

Pensamos para esse tópico, principalmente, na formulação de convênios com empresas para apoiar a realização de pesquisas e na divisão mais equitativa de recursos entre ensino, pesquisa e extensão, uma vez que a extensão é deixada muitas vezes de lado.

3-) Propostas no campo da pedagogia

A principal mudança que apontamos nesse ponto é que o ensino seja mais afetivo, que o aluno seja reconhecido como uma pessoa que traz suas realidades, e que ele seja melhor acolhido pela universidade em suas potencialidades e dificuldades.

-------------------------------------------------------------------------------------------------

No período da tarde fomos para a câmara de vereadores, onde assistimos as apresentações do Ciclo "Pensando o Território”, que contou com a palestra “Educação Ambiental como Instrumento de Política Pública”, do professor Marcos Sorrentino, seguida por apresentações mais curtas e abertura para perguntas dos presentes. Eu nunca havia participado de uma atividade desse tipo na câmara de vereadores, e fiquei surpresa com a realização de eventos desse tipo, abertos à população.

Acredito que é muito interessante participarmos desse tipo de discussão, e que elas deveriam ser melhor divulgadas, e encorajada a participação de mais alunos (de escolas e universidades) e da população em geral, para que a participação seja maior.

No final das apresentações, fomos para o engenho, onde foi feita a resenha pelo Lucas e a Cátia, conversamos sobre as propostas de projeto de cada grupo e fizemos os lanches coletivos.